

CONDIÇÃO CATASTRÓFICA E EMBRIAGUEZ BAUDELAIREANA COMO MOTIVOS EM MILTON HATOUM¹

Rayniere Felipe Alvarenga de Sousa*
rayniere.alvarenga@gmail.com
Universidade Federal do Mato Grosso

Resumo: Diante da catástrofe na qual Paul Celan (1920 – 1970) esteve exposto, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), surgiu um impulsionamento para a sua produção literária. Somado a isso, a partir da noção de exposição ao choque e das contribuições de Charles Baudelaire (1821 – 1867), tenho um *insight* responsável pela proposição da embriaguez baudelaireana como resposta a eventos traumáticos, sendo uma consequência das experiências sofridas. Assim, evidencio as questões presentes na movimentação dos poetas como motivos de leitura dos romances *Cinzas do Norte* (2005) e *A noite da espera* (2017). Ao longo do desenvolvimento do estudo, percebo que essa possibilidade de resposta aos chamados eventos limite pode surgir além dos moldes ditados pela condição catastrófica: como o silenciamento e o apagamento.

Palavras-chave: Condição catastrófica. Embriaguez baudelaireana. Milton Hatoum.

1 Introdução²

A linha entre o processo de naturalização e a problematização da violência como tema permite o pensamento de questões acerca das experiências humanas. Por essa motivação, intelectuais debruçam-se sobre estudos voltados à problemática da diferenciação, da assimilação de episódios com forte representatividade na memória

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

* Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CAPES). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária (2022) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Docência do Ensino Superior (2018) pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA) e Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa (2017) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atuou como Professor Substituto de Língua Portuguesa (2022-23) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas. Atualmente suas investigações versam sobre os seguintes temas: memória cultural, esquecimento, narrativas de resistência, anarquismos literários e contextos de colonialidade nas literaturas de Língua Portuguesa.

² A primeira versão do artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina “Estudos de Literatura da Amazônia”, ministrada pela Profa. Dra. Tânia Sarmento-Pantoja no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). A revisão crítica oportunizou o ajustamento da pesquisa (sendo imprescindível o meu agradecimento pelas sugestões propostas), posteriormente, atingiu o formato submetido à *Revista Odisseia*, levando em consideração os recortes, as revisões e os devidos acréscimos.

dos indivíduos e dos resultados de fatos que têm à exposição ao choque como representação.

Assim, surgiu o interesse no tratamento de uma análise das configurações da catástrofe como fio condutor de dois romances de Milton Hatoum – *Cinzas do Norte* ([2005] 2010) e *A noite da espera* (2017). Para isso, uma verificação alusiva aos processos traumáticos no conjunto de obras que estabelecem uma linha interpretativa a partir da noção de embriaguez baudelaireana é necessária.

Compreendo, então, que a embriaguez presente na escrita de Hatoum desprende os indivíduos da realidade para que assim possam suportá-la. Nesse sentido, a embriaguez se apresenta como a simbolização da relação com a condição traumática, ao se colocar como instrumento de ressignificação da realidade. É dessa forma que a tomo também como um procedimento de organização escritural para fundamentar a presente concepção experimental de leitura literária.

Para efetivar a análise, conto com o apoio de textos que são fundamentais nas formulações do estudo, menciono: Márcio Seligmann-Silva (2000a), Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva (2000b), Shoshana Felman (2000) e Tânia Sarmento-Pantoja (2014), sem contar nos apontamentos realizados por pesquisas que constituem a fortuna crítica de Hatoum, como: Luis Heleno Castillo (2012), Alexandre Fonseca Júnior (2019), além de Tânia Sarmento-Pantoja e Carlos Costa (2020). Assim, o exame está dividido em dois momentos principais, o primeiro conta com a fundamentação teórica em torno da proposta conceitual – a partir da chave de leitura da chamada “embriaguez baudelaireana” – e o segundo parte de um diálogo analítico em torno das publicações do ficcionista, efetivando a proposta lançada.

2 Entre a catástrofe e a embriaguez: uma concepção experimental

Como ponto de partida, situo a leitura de textos capazes de dar a substância teórica do estudo. Nessa fase, inclusive, evidencio uma das provocações motivadoras da presente argumentação. Em seu texto, Seligmann-Silva (2000a) comenta sobre a natureza da catástrofe e as relações com as vivências diárias que:

[...] em vez de representar apenas um evento raro, único, inesperado, que seria responsável por um corte na história no século XX, mais e mais passou-se a ver no próprio real, vale dizer: no cotidiano, a materialização mesma na

catástrofe. A experiência prosaica do homem moderno está repleta de *choques*, de embates com o perigo (Seligmann-Silva, 2000a, p. 73).

A modificação na concepção da catástrofe é tratada criticamente no texto que encaminha reflexões sobre as manifestações artísticas, sobretudo na literatura: o ensaísta realiza apontamentos sobre a poética de Charles Baudelaire (1821 – 1867). Com isso, características sobre os feitos do francês na estética moderna da poesia são levantadas, para o autor os apontamentos são indicados como resultado da chamada “[...] série de choques. Isso é perceptível com a forma ‘híbrida’ de escrita de poemas [...]. Sendo uma das consequências do choque da vida moderna sobre a literatura [...]” (Seligmann-silva, 2000a, p. 74).

Diante da leitura, sobretudo do fragmento mencionado, busco alguns poemas de Baudelaire com o intuito de estabelecer diálogo com os apontamentos realizados por Seligmann-Silva (2000a). Na ocasião, o *insight* surgiu após uma declamação de *Embriaguem-se* (1950)³. Proponho, dessa maneira, uma concepção experimental mencionada como a “embriaguez baudelaireana”. Ao longo da investigação percebi a possibilidade de interação com romances de Hatoum, a qual exploro na próxima seção. Em uma etapa de investigação posterior, notei ainda, uma conexão com a poética do romeno Paul Celan (1920 – 1970).

Nos moldes configurados, quando o leitor se permite uma divagação literária com o conteúdo do poema de Baudelaire (1950), uma sensação ímpar é experimentada, como exemplo enfatizo a noção construída em torno do estado de embriaguez:

É necessário estar sempre bêbado. Tudo se reduz a isso; eis o único problema. Para não sentirdes o fardo horrível do Tempo, que vos abate e vos faz pender para a terra, é preciso que vos embriagueis sem cessar (Baudelaire, 1950)⁴.

As relações estabelecidas com o tempo podem corroer os seres humanos, consumir a sua estadia na Terra, além de apontar para uma certa servidão disfarçada como um eterno investimento em planos. A primeira estrofe aponta para a necessidade de se manter num estado desligado da sobriedade como mecanismo de evitar as armadilhas próprias da impossibilidade de controle do tempo tão evitadas

³ BAUDELAIRE, Charles. *Embriaguem-se*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda, 1950. Disponível em: <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com/2009/05/ baudelaire-enivrez-vous-e-suas.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

⁴ A fonte consultada não é paginada.

pelo homem, um dos seres que habita o planeta e tem a cobiça pela manutenção do poder que nesse caso pode ser lida como a tentativa de domínio do tempo.

Dessa maneira, recorro à leitura do texto de Atilio Matozzo (2015) para corroborar as afirmações aqui circunscritas. Num claro discurso acerca da magnitude temporal e da noção do ser em relação a isso, o pesquisador comenta que estamos situados como seres, por conta daquilo que ele chama de “lapso temporal”. As sensações intrinsecamente humanas guiam a maneira de relação e de percepção do tempo. Portanto, “Isso nos abre um parâmetro para começarmos a pensar no ser, no que somos em meio ao processo temporal que nos constitui” (Matozzo, 2015, p. 99).

A leitura de Matozzo (2015) abre espaço para a justificativa do pensamento poetizado pelo ato de embriagar-se, tal qual aponta Baudelaire (1950). Para o pesquisador, a condição desprendida da ótica realista é originada com o intuito de mascarar as vivências humanas. Outrossim, o autor indica a prática como uma tendência comum diante de situações do entorno social. Um fator evidenciado é a concepção de felicidade e do belo envolvidas em determinadas atividades desempenhadas: o que influencia, inegavelmente, na recepção dos eventos. Afinal,

Eis o princípio da felicidade, sem a necessidade de máscaras, mas quem é capaz de filosoficamente viver? Ninguém vive sem inspiração, assim podemos defender Baudelaire, que nada mais queria senão que nos inspirássemos, no que quiséssemos, mas que houvesse vida nesse processo. Vida sentida, do ser no próprio tempo que o compõe, no presente sentindo tudo, sem medo da angústia que provocará a ânsia [...] (Matozzo, 2015, p. 103).

No contexto evocado pelo pensamento de Matozzo (2015), a continuidade da divagação pode apresentar a invenção do relógio e de outros registros de instrumentos patenteados ao longo da história que ilustram bem a constante tentativa de influência sobre, talvez, uma das maiores provas da falência humana: o controle do tempo. O tempo requer uma consciência analítica sobre a vida – o poema encaminha uma solução, um conselho ou um ordenamento acerca do tempo. Afinal, “- É a hora de embriagar-se! Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas! De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor” (Baudelaire, 1950)⁵.

⁵ A fonte consultada não é paginada.

A fonte da embriaguez baudelaireana é circunscrita, o importante é embriagar-se, não importando com o quê. Isso reflete, diretamente, nas relações que podem ser estabelecidas por meio das consequências que a catástrofe apresenta como resposta. Sendo ela o tal estado de embriaguez alegórico na poética de Baudelaire, o que também pode comprovar o trauma ocasionado diante dos choques nos quais se delimitam os enredos de Hatoum.

Ainda nas circunstâncias delimitadas, na Apresentação do livro organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva, *Catástrofe e Representação* (2000b), a concepção de catástrofe e de trauma auxilia na formulação de um argumento para as discussões, sendo construída ou referenciada ao longo dos ensaios publicados no volume. Há uma ótica acerca da presente condição, mediante uma percepção etimológica:

A palavra “catástrofe” vem do grego e significa literalmente “virada para baixo” (*Kata + strophé*). Outra tradução possível é “desabamento” ou “desastre”; ou mesmo o hebraico *Shoah*, especialmente apto no contexto. A catástrofe é, por definição, um evento que provoca um trauma, outra palavra grega que quer dizer “ferimento”. “Trauma” deriva de uma raiz indo-européia (sic) com dois sentidos: “friccionar, triturar, perfurar”; mas também “suplantar”, “passar através”. Nesta contradição – uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por forma simples de narrativa (Nestrovski; Seligmann-Silva, 2000b, p. 8).

As provocações da catástrofe têm consequências pontuais, como a passagem comprova. No entanto, o choque, o embate e o estado de inquietação são questionados quanto a sua recepção, uma possibilidade de confusão entre o fenômeno catastrófico e a concepção epistemológica da condição é um dos perigos da tarefa analítica, mas após o alerta de um possível equívoco, ocorre uma espécie de concentração nas manifestações estéticas que confluem nos dois romances selecionados para análise. Ao pensar nas implicações teóricas, concordo com os autores quando eles dizem que:

Na literatura, como nas demais artes, a resposta oscila entre extremos de distanciamento e engajamento, sempre em torno a um confronto absoluto e impossível. Não há, quem sabe limites de representação; mas existem limites conceituais e limites de empatia, aparentemente intransponíveis. Aparentemente: transposições são sempre possíveis, mas deslocam a questão para a esfera não só das formas, mas da ética.

Representar ou não representar: essa é uma, entre outras questões antigas, que retornam com acento próprio na era da catástrofe (Nestrovski; Seligmann-silva, 2000b, p. 11).

Diante de questões antigas, experimentações conceituais, choques e brechas para a reflexão, irrompem autores que tematizam problemáticas marcadas pela experiência catastrófica. Textos são publicados constantemente sobre episódios com forte demarcação político-social no contexto mundial, cito como exemplo as guerras, os conflitos étnicos, a ascensão de governos autoritários que resultam em períodos ditatoriais e outras experiências de conflitos como o colonialismo.

Ainda em conformidade com tais postulações, referencio a poética de Celan, marcada pela catástrofe da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). O autor de uma obra circunscrita pelo embate tem o trágico fim de sua passagem terrena culminado em suicídio. Assim, subjetividade, hermetismo e até mesmo o contexto caótico próprio do trauma atuam na composição de seus poemas.

O intuito de todo crítico ou estudioso de literatura é desarmar-se de seus punhos teóricos e beber na fonte criada pela obra literária. A metáfora da fonte e do ato de beber será retomada logo adiante, mas o ponto central é que se remete a alguns comentários da crítica estadunidense Shoshana Felman (2000), sobre a poética do artista com vivências tão perturbadoras refletidas em sua estética, como se disse:

A poesia de Paul Celan testemunha de fato [...] um colapso cultural e histórico mais específico, mais particularmente esmagador e mais recente um trauma massivo, individual e coletivo, de uma perda catastrófica e de um destino desastroso no qual nada mais pode ser construído como *acidente*, a não ser, talvez, *para a sobrevivência do próprio poeta*. A crise do verso de Mallarmé passa agora a expressar, concreta e especificamente, a realidade particular de Celan e sua experiência literalmente estilizada de sobrevivente do Holocausto. *A quebra do verso encena a quebra do mundo* (Felman, 2000, p. 37).

A famigerada crise do século XX é um fio condutor, um mote ou uma das grandes motivações do poeta esfacelado pelo choque, por se tratar da vivência experienciada por ele, portanto a poesia surge como mecanismo de elaboração do trauma. A crítica estadunidense consegue projetar um olhar específico no âmago do poeta romeno que faz uso de um idioma que não o seu materno – ironicamente usa o alemão para tal exercício – para registrar, assim, seu universo ficcional tão fortemente marcado pelas desgraças de uma guerra capaz de partir os seres que dela saíram como

sobreviventes. Um dos poemas com grande destaque é *Todesfuge*, traduzido para o português como *Fuga da Morte* (2001), por Celso Fraga de Fonseca. Com ele, regressamos às metáforas do ato de beber e da condição de embriaguez, como se nota na estrofe que segue:

Leite negro da madrugada nós o bebemos ao anoitecer
nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos de noite
bebemos e bebemos
cavamos uma cova nos ares lá não se jaz oprimido (Fonseca, 2001, p. 32).

A ideia contida na atitude de ingerir o leite negro, pode ser conectada ao desalento da voz poética, que o toma como mecanismo de elaboração do trauma, a “narração”, por aditamento toma formas poéticas, promovendo os alentos oníricos frente ao choque, ao embate da dura vida experienciada. Não obstante, é cavada uma cova, não na terra como se espera da ação de cavar, mas nos ares. O hermetismo mencionado nas argumentações anteriores é revisitado nas possibilidades apresentadas pela crítica estadunidense – para ela o “leite negro” remete ao genocídio da população negra, submetida à escravização⁶.

Felman (2000) é tomada por uma linha interpretativa que, não à toa, embasa a concepção experimental da ideia de embriaguez baudelaireana e, tempos depois, é reforçada pelo ato de beber na poesia de Celan. A crítica estadunidense contextualiza a natureza do conjunto formulado e acionado na poética do autor romeno. Sobretudo, quando pontua:

A *performance* do ato de beber, [como] uma tradicional metáfora poética para a melancolia, para a sede romântica e para o desejo, [que] é transformada aqui na figura surpreendentemente abusiva de uma tortura sem fim e de uma exposição sem limites, uma figura da impotente situação e da insuportável provação de ter de tolerar, absorver, continuar a pôr para dentro sem qualquer fim ou limite. Esta imagem da embriaguez da tortura ironicamente perverte e desmitifica, de um lado, a conotação helênica-mítica do consumo dionisíaco, libidinoso e eufórico, tanto de vinho quanto de poesia, e, de outro, a conotação cristã da consagração ritual e do beber eucarístico e sagrado do sangue de Cristo - e de suas virtudes. A proeminente imagem subjacente da eucaristia sugere, no entanto, que o beber enigmático que o poema evoca repetidamente é, de fato, essencialmente o beber de sangue (Felman, 2000, p. 42).

⁶ Sem dúvida, o tratamento das questões pertinentes à ideia de “raça”, subalternidade e genocídio da população em situação de escravização, constituindo a questão do racismo estrutural, poderia figurar na discussão, ampliando o enfoque e fortalecendo os argumentos. No entanto, por razões de recortes da natureza própria do artigo, optei por não direcionar o discurso para a problemática. Vale ressaltar que Felman (2000) indica esses caminhos reflexivos.

O leite negro que se ingere, a urgência de uma embriaguez pelas circunstâncias redutoras da vida e uma percepção que une as impressões redirecionam os argumentos para manifestação da imprescindibilidade de reagir às vivências humanas. A pressão de uma guerra, a perseguição política, a violência no núcleo familiar, as represálias ditatoriais e as brechas na alma de quem esteve exposto às situações mencionadas como eventos limite requerem respostas. Seja para a tentativa de elaborar o trauma, ou simplesmente, para gerar espasmos de vida.

As tentativas de elucidação de pontos pertinentes na leitura dada aos romances de Hatoum revisitam questões presentes nas crises alcançadas ao longo das vivências humanas, como noto na poética de Baudelaire e de Celan. Um outro momento decisivo para o texto é o tratamento da rede de influências entre as “narrativas de tragédia” e as “narrativas de catástrofe”. A produção intelectual de Tânia Sarmiento-Pantoja (2014) circunscreve argumentos precisos, principalmente quando afirma que a proximidade entre as tipologias de narrativa se dá por conta daquilo que a pesquisadora apresenta no texto como “dispositivos da narrativa trágica”. Em síntese:

[...] ainda que dialogue com esses dispositivos que são próprios da narrativa trágica clássica há em narrativas da catástrofe, um redirecionamento ou refuncionalização desses dispositivos em função de dois aspectos: a presença da mácula causadora do trauma, do choque, e, conseqüentemente, de todo um processo de descontinuidade do costumeiro e do cotidiano, mácula esta tão exorbitante, que mesmo após a vítima (e sobrevivente) ter se retirado do cenário da mácula seus resíduos permanecem no relato na forma de uma fratura, um objeto trincado.

O segundo aspecto está na origem do distanciamento. [...] Na narrativa de catástrofe [...] a matéria histórica é fundamental para diminuir o distanciamento e desse modo problematizar o processo catártico [...] (Sarmiento-Pantoja, 2014, p. 168-169).

O assentamento realizado no ensaio evoca as grandes tragédias gregas e a adaptação ao contexto atualiza o conceito, sobretudo, trazendo para próximo das realidades representadas na arte e na literatura dos séculos XX e XXI. Por conta disso, aproprio-me das observações da pesquisadora com o intuito de embasar a leitura dos romances de Hatoum. Que esses dispositivos reordenados possam funcionar como uma espécie de balizadores da análise das publicações. Embalados pela catástrofe, pelos traumas e por uma eterna sede que objetiva o estado de embriaguez e de todas

as suas alegorias, detenho-me, dessa maneira, sobre o objeto do estudo: servindo doses da fonte criada pela e na estética do ficcionista amazonense.

3 A fonte de cinzas: uma percepção da embriaguez baudelaireana em Milton Hatoum

Na companhia dos narradores Lavo, Mundo, Ranulfo, de *Cinzas do Norte* (2010) e de Martim, de *A noite da Espera* (2017), reflito sobre a noção de embriaguez presente na poética de Baudelaire, acionada também pela ação de beber construída em Celan. A percepção é tida como um motivo narrativo dos romances selecionados para análise, a embriaguez surge como uma alternativa para encarar a dura realidade vivenciada pelos personagens traumatizados de alguma forma e está fundamentada como um dispositivo dos desdobramentos da barbárie e, conseqüentemente, do choque.

Percebo na constituição dos dois textos que a condição de embriaguez tem uma infinidade de materializações, sendo disfarçada ou recoberta no fazer artístico, nos jogos, na libertinagem e na fuga às rotinas disciplinares impostas por outrem, e, em oposição, nos trabalhos como ferramenta de ascensão social, de poder e de valorização, na nostalgia ou ainda no registro por meio da escrita de alguns personagens.

3.1 Sobre *Cinzas do Norte*

Acredito no estabelecimento de subterfúgios para uma continuidade na vida de personagens dos romances. No caso do protagonista de *Cinzas do Norte* (2010), Mundo, a vida é uma eterna luta contra as ideias de seu pai, o único desejo do rapaz era não seguir uma linhagem de empresários e manifestar suas aptidões artísticas. Amparado pela mãe e oprimido pelo pai, sua jornada ganha destaque pelas vozes de amigos, como Lavo e Ranulfo, sem contar nas suas próprias falas que entrecruzam os relatos.

A bebida aqui se confunde, ora com a decadência, ora com um sopro de sobrevivência, as cinzas de uma vida ganham força nos relatos dos narradores. Num desabafo, por meio de uma carta enviada ao seu amigo, o protagonista descreve a

relação com a manifestação artística, a pintura de telas, sendo responsável pela experiência descrita e marcada pelas vivências do rapaz, porque:

Pintar não é uma maneira de lembrar com cores e formas? Inventar a vida numa situação extrema? Não podia frequentar uma escola de arte. Passei semanas no sobrado da Villa Road, sem sair, pintando dia e noite, destruindo e pintando outra vez, tentando encontrar a imagem em seu instante de plenitude. Não sei quanta coisa veio do acaso, quanta coisa veio dos estudos e esboços, esse difícil equilíbrio entre o acaso e a intenção. O que sei é que trabalhei de maneira exasperada, alucinada às vezes, às vezes rindo da minha própria desgraça. Formas mais ou menos figurativas, decompondo o retrato da família, até chegar à roupa e aos dejetos de Jano. Ideias e emoções que nos movem. Me liberei de um peso quando terminei esse trabalho, mas não me considero um artista, só quis dar um sentido a minha vida. Tinha medo de morrer com os meus esboços, teria sido uma vida esvaziada... medo porque a tontura e a fraqueza estavam me derrubando... (Hatoum, 2010, p. 227).

Assim, a cólera de Mundo é marcada pela doença que aos poucos vai tornando sua existência mais dolorosa. O medo que guia o personagem – o esvaziamento de uma vida cheia de prospecções – ameniza quando ele dedica parte dela, talvez quase toda, à busca pelas experiências artísticas, pela comunicação e pelo sentido de suas posturas. A maioria de seus posicionamentos são concebidos como extremos e anarquistas, quando enfrenta e ridiculariza seu pai ou os militares nas inúmeras referências ao período de gatilhos traumáticos na historiografia brasileira, a Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Por esse motivo,

Cinzas do Norte é a alegoria da história do processo de mundialização da Amazônia fortemente ligado ao processo civilizatório racionalizador da natureza física e coautor da natureza humana em suas liberdades individuais e subjetividades livres. Há nessas cinzas algo da Fênix, mas também de Prometeu. Renascimento, esperança e castigo ligados ao Fogo ambíguo da fera ameaçadora, figurada no cão de Jano, e da restituição do passado à vida e ao presente, pela memória [...] (Castillo, 2012, p. 95).

A reconfiguração do passado mencionada no trecho é dolorosa para Mundo, há também uma referência pertinente que ilustra bem as duras modificações em diversos setores (social, cultural e, principalmente, político) vivenciadas no período. A consciência da dor é comprovada pela sensação de opressão comum ao personagem que apresenta alusões ao processo de exploração humana e ao momento marcado pelo autoritarismo brasileiro. Por mais que a tentativa de fuga de um apagamento fosse lançada ou até mesmo a presença de uma concepção da arte como um

mecanismo de denúncia, algumas circunstâncias seriam inevitáveis, como é encontrado no conteúdo dos versos de Baudelaire, porque segundo Mundo:

Agora sei que meu trabalho foi um demônio que moeu minha consciência, roendo-a e queimando-a por dentro. O tempo, que se atirava ferozmente contra mim, dava a ela um ultimato. Eu e minha mãe, reféns um do outro, nós dois reféns do tempo. Nem nos últimos dias que passamos juntos ela largou a bebida. E ainda quis que eu destruísse o meu trabalho... (Hatoum, 2010, p. 228).

A perda de controle e da possibilidade de servidão ao Tempo (referência aos versos de Baudelaire) são consequências da consciência da catástrofe que perpassa toda a vida de Mundo, atinge sua mãe Alícia e desencadeia num relato entristecido na tentativa de materializar uma solução à angústia, após 20 anos da destruição da família Mattoso. As ruínas são o contexto encontrado por Lavo para exercitar seu poder de narração. Portanto, concordo com Castillo (2012), quando ele enfatiza os interstícios entre história, trauma e arte, por conta que:

A arte de Mundo [...] recoloca parte da América Latina no contexto de sua história recente de lei, ordem e controle militarista em que a repressão por meio da tortura e da coerção moral e psíquica atingem o corpo hipocondríaco e catatônico da existência dos que viveram sob essa condição, uma violência que na Amazônia tem sido escrita há muito tempo, sem claro a presença escancarada do Estado Ditatorial, mas pela sua presença ordenada e instituída pela apropriação das terras, da servidão, e dos projetos de ocupação e de desenvolvimento (Castillo, 2012, p. 94).

A visão que se orienta com diálogos assíduos, em muitos trechos, da história e da subjetividade apresenta resultados significativos no enredo do romance, provocando a apropriação dos elementos e a conversão deles numa atmosfera caótica. Em continuidade, os escritos de Ranulfo direcionados ao jovem Mundo confluem com os indícios de uma derrocada, circunscrevendo também a forma de Alícia lidar com os eventos que a atingiam. Sobretudo quando trata do desenvolvimento do vício da mãe do protagonista:

Antes era apenas um passatempo, depois ela passou a jogar com prazer, a gula e a paixão de uma viciada, ganhando e perdendo, e quando ganhava um pouco mais, ela me dava uma parte do dinheiro e dizia: "Ajuda o Lavo, compra livros e roupa para o filho da minha finada amiga". Bebendo, ganhando, perdendo...

[...] tua mãe, se trancou no porão e começou a beber, e só à tardinha Macau arrombou a porta e a encontrou desmaiada ao lado de uma poça de vômito [...] (Hatoum, 2010, p. 189).

A embriaguez pode ser literal ou alegórica, como se tem construído ao longo das argumentações, o ato de se desprender da racionalidade provoca uma forma de conceber as situações. Alícia sucumbe ao álcool e às sessões de carteados apostadas, o descontrole emocional da personagem confunde-se com sua postura de conciliadora, de mãe, de figura marginalizada ao âmago da alta sociedade manauera, de amante poderosa e controladora das situações ao estado de viciada em jogos e falida. As menções acerca da personagem embasam a resposta encontrada diante da vida em declínio: “A viúva que mais perde no carteados... perde até a beleza... De noite seu olhar muda, os olhos de ressaca se acendem, ávidos ao anoitecer, e exaustos na madrugada [...], fica angustiada, bebendo [...]” (Hatoum, 2010, p. 164-165).

Com isso, a libertinagem ligada comumente aos artistas é percebida na presença de Ranulfo, responsável pela escrita de cartas que entremeiam o compilado de narrações e de fragmentos selecionados por Lavo. O contato com a natureza, a vadiagem e a hostilidade ao trabalho, uma expressão cunhada por sua amada, são formas encontradas para descrever Ranulfo. A embriaguez reside na conexão com os prazeres ligados à arte e ao lado que pode ser leve da vida, sobretudo quando:

Ranulfo armava uma rede nos troncos, pendurava uma lamparina num galho e ficava lendo durante a noite; quando não chovia, amanhecia ali mesmo, ao relento, o livro aberto no peito nu, as folhas secas cobrindo parte do corpo. Os livros de tio Ran! Vinham de muito longe, do Sul, e ficavam empilhados no quatinho dele, lá nos fundos da chácara, nossa morada. Ele lia para mim um parágrafo ou uma frase longa, e se entusiasmava, esquecia que eu ainda era criança e não podia entender histórias complicadas, escritas com palavras difíceis; mesmo assim, continuava a ler em voz alta [...]. Lembro que, em plena tarde de um dia de semana, Ramira o encontrou lendo e fazendo anotações a lápis numa tira de papel de seda branco. Perguntou por que ele lia e escrevia em vez de ir atrás de trabalho.

“Estou trabalhando, mana”, disse tio Ran, “Trabalho com a imaginação dos outros e com a minha”.

Ela estranhou a frase, que algum tempo depois eu entenderia como uma das definições de literatura. [...] (Hatoum, 2005, p. 17-18).

As experiências e as divagações de Ranulfo eram tamanhas que ele esquecia até a necessidade de adequação dos discursos para atender os requisitos do processo de comunicação. A vontade de compartilhar a forma imaginada de ver a vida

demarca a percepção da condição de embriaguez, como já pontuado, ela delimita a vida livre de amarras sociais e econômicas tão defendida pelo tio de Lavo. O comportamento do personagem é criticado pela irmã dele, Ramira – uma devota do trabalho que vive em prol de suas encomendas de vestidos e de outras roupas para clientes bem-sucedidos.

A costureira mantém uma postura servil ao longo do romance, o deleite com a presença de Jano em sua casa é nítido nas cenas que ela protagoniza no romance, o que causa alvoroço na vizinhança e a torna extremamente concentrada na entrega de suas encomendas ao “pobre Jano”, como ela faz referência ao empresário. Um grande trabalho para o alvo de sua admiração comprova a postura valorativa do ofício e de si. Sobretudo, porque:

A encomenda da roupa entusiasmara Ramira, e, o convite à Vila Amazônia a comovera. Ela até liga o radinho, e eu, quando chegava da faculdade, escutava um cantarolar desafinado, cheio de ânimo, e via sua cabeça imersa em panos de alpaca e algodão grosso. Comprou mais livros para mim, e passou semanas costurando e trauteando com uma alegria tão grande que parecia atroz.

No Dia de Finados, fomos ao cemitério da Colina visitar o túmulo dos pais: dos meus e dos dela. Voltamos tristes, tia Ramira muito mais que eu; mal entramos em casa, ela esqueceu a Colina e seus mortos, e um sopro de graça animou o rosto que envelhecia entre agulhas. Foi só um sopro, pois 1973 acabou com um cúmulo de infortúnios e uma despedida (Hatoum, 2010, p. 125).

Assim como na vida de Ramira que tomava o trabalho como uma forma de conquistar espaço, de se sentir valorizada e de ter a oportunidade de estabelecer contato com as mais diferentes pessoas, Jano teve uma imposição realizada pelo seu pai, conhecido como Mattosão. Ele foi o comprador da fábrica de Juta que funciona na imponente propriedade afastada da capital amazonense, a Vila Amazônia. A partir de então, sua vida é uma eterna devoção ao trabalho, à empresa e, depois da rejeição de seu filho para sucedê-lo na empreita, à perseguição e à punição constante ao rapaz, por conta de suas escolhas arbitrárias ao ciclo traçado pelo empresário. Portanto, os conflitos familiares que se somam aos embates políticos e ideológicos do tempo da narrativa são cristalizados no romance.

Uma existência amargada por uma doença, um casamento infeliz e um filho que não atende as suas expectativas, essa é a sina de Jano exposta no enredo do romance de Hatoum. Um outro ponto é a eterna alusão aos feitos de seu velho pai,

como mencionado, apoiador do regime totalitário e bajulador de políticos. O poderoso empresário se fecha no mundo de exploração capitalista e enriquece às custas de trabalhos de populações desfavorecidas – assim como para Ramira, o trabalho é para ele uma forma de escape, de fuga das adversidades da vida. Logo, acredito que os elementos levantados circunscrevem a embriaguez baudelaireana em *Cinzas do Norte* (2010).

3.2 Sobre *A noite da espera*

Ao contrário do primeiro momento de análise, *A noite da espera* (2017) impulsiona o questionamento acerca da postura liberta, malandra e apreciadora da noite de personagens como o Nortista – semelhante à figura europeia presente na poética baudelaireana, o *flanêur* – é suficiente para definir uma marca de embriaguez, como se tem fundamentado nos apontamentos. O segundo romance em análise é situado entre cidades diferentes e a locomoção entre elas é impulsionada por mudanças nem sempre favoráveis.

Um pai problemático, frustrado por um casamento falido e abandonado por sua esposa: destino de Ranulfo que se muda de São Paulo com o filho, o narrador-protagonista Martim. O choque da partição familiar é o ponto disseminador de um trauma – escrever foi o mecanismo de escape ou até mesmo de assimilação de tais eventos que são culminados por vivências em Brasília, regadas com violência e com desprezo do pai que vê no filho a esposa traidora. O *leitmotiv* da vida de Martim passa a ser o regresso ao passado documentado, agenciado outrora pelos registros feitos por ele.

A preocupação contínua com o passado e com os eventos pretéritos modifica a noção de temporalidade do protagonista que passa a relatar sua história de um tempo diferenciado, apresentando assim as suas questões. Remeto, portanto, ao texto de Alexandre Fonseca Júnior (2019), quando o pesquisador comenta sobre o tratamento do tempo no romance:

Reconfigurar o passado no presente, reatualizar o vivido pela sombra dos vestígios deixados, reunir fragmentos e ruínas: eis o trabalho da memória. Memória esta, que, em contexto de crise, revela-se calcada em traumas por vezes insuperáveis. Diante do horror, ou se cala, ou se paralisa, ou se recalca o vivenciado (Fonseca Júnior, 2019, p. 504).

A partir da reflexão trazida pelo trecho, penso na figura de Martim em Paris: localidade que ele relata suas dificuldades e dá indícios do seu estado de nostalgia, principalmente, do tempo que tinha a presença física de sua mãe. Em consonância aos levantamentos anteriores, há uma nova proposta de ratificação da arte como uma forma de embriaguez. Nesse ponto, há demarcação da relação do protagonista em sua noite frustrante no Grande Hotel, quando recebe a notícia do cancelamento do tão esperado reencontro com sua mãe. Outrossim,

Lembro que paguei uma diária no Grande Hotel, deitei na cama onde Lina dormiria, avancei na leitura do romance de Flaubert, e parei na cena de um assassinato: uma dupla traição, afetiva e política. Anoitecia. Liguei a cobrar para o meu tio, ninguém atendeu, tentei de novo às dez, quando a morbidez e a angústia escureciam meu pensamento. Ainda bem que Faisão me dera esse livro, a leitura do romance me enfeitiçou naquela noite angustiante em que deitaria ao lado da minha mãe, de mãos dadas ou abraçados, havia tanto tempo eu não sentia o corpo dela e não escutava sua voz, nosso último encontro na Flor do Paraíso adquiria outro significado, a distância e o tempo constroem artifícios.

Percebo isso na solidão desse estúdio, no fim da noite parisiense. Mas não tinha essa percepção na noite goiana, quando comparava o desencontro das duas personagens de Flaubert com o meu desencontro com Lina, pois imaginava que a história de uma frustração amorosa tinha uma relação com a minha vida (Hatoum, 2010, p. 96-97).

O protagonista se sente frustrado com o afastamento de sua mãe, ele não compreende o episódio, ao longo de todo o romance, o leitor consegue perceber a quantidade de dúvidas e de incertezas que permeiam o relato. A leitura é uma oportunidade de acesso ao universo de Martim, por conta de sua privação de muitas respostas, o leitor também fica angustiado com a falta de apontamentos sobre a partida tão dramática de Lina. Ainda sobre isso:

[...] além de poder conservar a memória, fixar o tempo e esconjurar a morte, o diário [de Martim] se apresenta na tentativa de promover o autoconhecimento, as deliberações, os pensamentos, as reflexões e a liberdade do ato de escrita. Tais pontos se convergem na narrativa de Milton Hatoum, na qual o protagonista, como se percebe, mostra-se profundamente abalado por um momento de dupla crise. Dessa forma, ele pode a partir do diário, resistir, lutar, sobreviver, ser livre e conhecer-se, mesmo fraturado e fragmentado [dialogando, portanto, com a questão conceitual experimental da embriaguez baudelaireana]. Ademais, para Martim, a escrita, como forma de criatividade do exílio, também se ancora na possibilidade de se reconfigurar e de refazer, mesmo que por fragmentos e ruínas, o seu “eu” interior. Desfalcado, esfacelado e sem-lugar, o narrador utiliza do diário para dar vazão à ilusão da miragem do passado, encontrando, pelas palavras, a mãe, a pátria e a liberdade perdidas. Como em um jogo de quebra-cabeça,

ele reúne os fragmentos aos solavancos para compor e recompor sua história em tempo saltado. Tenta, assim, a busca por si e pela mãe na ansiosa espera em uma noite que parece não ter fim no lugar mais sombrio, no recôndito mais profundo do seu ser (Fonseca Júnior, 2019, p. 509).

Na tentativa de autoconhecimento por intermédio do exercício de revisita ao passado, tem-se outro personagem de destaque para as argumentações no exame: Faisão, o pai de Fabius, amigo de Martim. A partir de suas menções, no romance, há numa postura de negacionismo diante de adversidades. O personagem passa por problemas de saúde que podem ser lidos como uma ausência de racionalidade, mas acredito na sua completa incompreensão, pois ele é bastante elucidativo em seus discursos. A bebida aciona alguns gatilhos no personagem, sua assertividade é acentuada a seguir:

Bebeu mais um copinho de cachaça e olhou a fotografia de um jovem ao lado de um lobo, sob um céu nublado. “Fabius não quer sair de Brasília. Ele pode continuar os estudos aqui, pode ir até o fim. Muita gente se esforça para fingir que está tudo bem, que vive no melhor dos mundos e vira as costas para a infâmia. Meu próprio filho tem a cabeça fora do lugar. Finge que está alheio à política, ignora que há um cerco em Brasília. Tudo está ficando mais complicado. Depois do AI-5, o medo tomou conta. A liberdade é uma quimera. Essa noite macabra é muito longa, não vai acabar tão cedo assim. Um dia termina. A história é movediça (Hatoum, 2010, p. 158).

A demência ou o seu completo fingimento é uma forma muito similar ao embriagamento. Não se atentar aos episódios político-sociais era uma postura de Fabius, conforme o trecho destaca, soando contraditório até mesmo para uma personalidade como Faisão. Afinal, a liberdade tão almejada pelo grupo de teatro composto pelos amigos de Martim é algo utópico, segundo o personagem destacado. O avanço dos feitos truculentos e o apogeu do regime militar, com o AI-5, preocupam os militantes que se veem na obrigação de recuar e de repensar atitudes. No entanto, friso que se abster de responsabilidades políticas e desligar-se de qualquer vínculo com a luta estabelece uma obediência estúpida e elucida mais uma das nuances possíveis da embriaguez em *A noite da espera* (2017).

Um outro estudo que também pode servir de suporte para a proposta é o de Tânia Sarmiento-Pantoja e Carlos Costa (2020), por conta da argumentação da categoria “nostalgia” funcionar como movimentação significativa do enredo de Hatoum, o que dialoga com a noção de desprendimento da razão alcançada pelo ato de beber. Ocorre, então, um método de funcionamento de convivência com as perdas

do personagem, ele é destituído da oportunidade de convívio com seus amigos, com seus demais familiares, com sua mãe e com sua namorada, acredito que por conta da nostalgia tão forte na vida de Martim, isso é algo latente. Ademais,

A sufocação, enfim, a experiência no-limite, que atinge a relação fascinada com o tempo nos parece fundamental para a categorização da nostalgia, na medida em que compreendemos não ser determinante em qual tempo ou espaço se dá experiência nostálgica, mas a mirada retroativa que a envolve, pois o cerne dessa experiência vem a ser, sobretudo, a fantasia da reunião com o objeto perdido – uma ficção compensatória (Sarmiento-Pantoja; Costa, 2020, p. 83).

A “ficção compensatória” é tratada por meio da nostalgia mediante razões expostas e suficientes para figurar como mecanismo do desvelamento do passado. Além da função atrelada à nostalgia, percebo no estudo a possibilidade da fundamentação como um ponto fulcral para o surgimento da, aqui categorizada, situação de “embriaguez baudelaireana”.

Com isso, formas artísticas distintas – pinturas, diários, bilhetes, poemas, literatura de maneira geral –, jogos de azar, desempenho de ofícios, ausência de propósitos ou até mesmo a própria perseguição motivada pela busca do controle são algumas possibilidades de manifestação do estado de embriaguez baudelaireana. Assim, independente da motivação, traumática como no caso dos narradores dos dois romances analisados, ou não, a embriaguez e o ato de beber podem ser tomados como instrumento de desvelamento e de estudo da condição humana em cenários de exposição à catástrofe, principalmente nas leituras a partir de moldes estéticos.

4 Conclusão

Diante dos debates em torno das publicações do autor, aproximei os dois romances selecionados para o levantamento de questões em torno da assimilação de aspectos como: os episódios violentos, as ruínas de núcleos familiares, um período sombrio carregado de barbaridades, a condição catastrófica como motivação de relatos, a tentativa de convencimento do outro ou a própria imposição de questões e de posturas. Com isso, os personagens de Hatoum são unidos pela resposta que dão aos fatos experienciados e ao ponto de vista demarcado sobre tais eventos.

A produção de um exame de situações que envolvem a condição catastrófica como pauta na literatura foi a motivação da presente pesquisa. Servir caos, destruição e atrocidades é algo cada vez mais comum, por conta do processo, em andamento, de exposição constante aos conteúdos pautados em moldes violentos. Sendo assim, a condição catastrófica pode ocasionar o estado de embriaguez que fundamenta o estudo, bem como pode não ser originado apenas sob essas circunstâncias, como é evidenciado na análise dos romances.

Portanto, as palavras ébrias dos registros de Martim e de Mundo tomam como base um procedimento de apropriação de traços das “narrativas de tragédia”, lidas por Sarmiento-Pantoja (2014) como um redirecionamento para as “narrativas de catástrofe”. Noto, então, a concepção experimental, aqui apresentada, como uma possibilidade de categoria de leitura analítica de textos literários. Afinal, seja com álcool, com arte ou com a morte, é preciso embriagar-se.

CATASTROPHIC CONDITION AND DRUNKENNESS BAUDELAIREAN AS A MOTIVE IN MILTON HATOUM

Abstract: Faced with the catastrophe in which Paul Celan (1920 – 1970) was exposed, the First World War (1914 – 1918), a boost for his literary production arose. Added to this, from the notion of exposure to shock and the contributions of Charles Baudelaire (1821 – 1867), I have an insight responsible for the proposition of Baudelaire's drunkenness as a response to traumatic events, being a consequence of the experiences suffered. Thus, I highlight the issues present in the movement of the poets as motives for reading the novels *Cinzas do Norte* (2005) and *A Noite da Espera* (2017). Throughout the development of the study, I realize that this possibility of responding to the so-called limits events can arise beyond the molds dictated by the catastrophic condition: such as silencing and erasure.

Keywords: Catastrophic condition. Baudelairean drunkenness. Milton Hatoum.

Referências

BAUDELAIRE, C. *Embriaguem-se* [1869]. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. 1950. Disponível em: <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com/2009/05/ baudelaire-enivrez-vous-e-suas.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

CASTILLO, L. H. Milton Hatoum: técnicas de retorno e alegorias da história pós-ditatorial. In: SCHØLLHAMMER, K. E.; SARMENTO-PANTOJA, T. (org.). *Memórias do presente*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012. p. 89-101.

FELMAN, S. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. *In*: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 13-71.

FONSECA, C. F. Poemas de Paul Celan (1920-1970). *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, v.1, n. 4, p. 13-49. dez. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49340/53421>. Acesso em: 20 out. 2023.

FONSECA JÚNIOR, A. O recurso ao diário em *A noite da espera*, de Milton Hatoum: o desenho de um conflito pessoal e de um conflito histórico-político. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 54, n. 4, p. 503-511, out-dez, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/33038/19407>. Acesso em: 20 out. 2023.

HATOUM, M. *Cinzas do Norte* [2005]. Companhia das Letras: São Paulo. 2010.

HATOUM, M. *A noite da espera*. Companhia das Letras: São Paulo. 2017.

MATOZZO, A. Elogio ao ser no tempo. *R.E.V.I – Revista de Estudos do Vale do Iguaçu*. União da Vitória, v.1, n. 26, p. 97-108, jul/dez. 2015. Disponível em: <https://uniao.uniguacu.edu.br/content/uploads/2017/04/REVI-26.pdf#page=97>. Acesso em: 20 out. 2023.

NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação. *In*: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000b. p. 7-12.

SARMENTO-PANTOJA, T.; COSTA, C. Exílio e nostalgia em *A noite da espera*, de Milton Hatoum. *Conexão Letras*. Porto Alegre, v. 15, n. 23, p. 75-90, jan-jun. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/104060/57194>. Acesso em: 20 out. 2023.

SARMENTO-PANTOJA, T. Catástrofe: manual do usuário. *In*: SARMENTO-PANTOJA, A.; UMBACH, R.; SARMENTO-PANTOJA, T. *Estudos de Literatura e Resistência*. 1ed. Campinas: Pontes, 2014, p. 159-184.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. *In*: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000a, p. 73-98.

Recebido em 15/03/2023

Aceito em 27/11/2023

Publicado em 30/11/2023